

Tradução Oral à Prima Vista na formação do intérprete: considerações pedagógicas¹

Sight Translation in interpreter training: some pedagogical considerations

Glória Regina Loreto Sampaio *

RESUMO: A Tradução Oral à Prima Vista (TrPV) é um elemento de relevância para a formação do intérprete e um componente essencial para o desempenho do futuro profissional em muitos ambientes de atuação. Consequentemente, a prática da TrPV se faz presente em cursos de formação bem estruturados. Neste escrito, após uma breve referência à natureza, complexidade e desafios impostos pela TrPV, e tendo como base uma vivência docente extensa da autora, será apresentada uma possível abordagem pedagógica, voltada à aquisição da competência em TrPV e a um desempenho de qualidade nessa modalidade híbrida, situada no espaço fronteiro tradução escrita e tradução oral.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução Oral à Prima Vista. Abordagem metodológica para ensino-aprendizagem da TrPV. Formação de intérpretes.

ABSTRACT: Sight Translation (STr) competence is a relevant element in interpreter training and an essential component of professional performance in several interpretation settings. Therefore, STr practice is an integral part of well-designed interpreter training programs. After a brief introduction to the characteristics and complexity of as well as the challenges imposed by STr, and drawing on the extensive teaching experience of the author, a pedagogical approach to the acquisition of STr skills and to competent performance in this hybrid oral translation mode will be suggested.

KEYWORDS: Sight Translation. Pedagogical approach and teaching methodology. Interpreter training.

1. Introdução

A Tradução Oral à Prima Vista (TrPV) é de longa data percebida como uma atividade tradutório-interpretativa de natureza híbrida, por sua ancoragem na matriz da linguagem escrita como ponto de partida e na linguagem oral como ponto de chegada. Essa característica é

¹ Este texto refere-se a apresentação científica realizada durante o *ENTRAD 2016 - XII Encontro Nacional e VI Encontro Internacional de Tradutores - Tradução e Inovação*, realizado em Uberlândia, MG. O conteúdo é parcialmente inspirado em apresentação feita na *ATA NYC Conference 2009* e em texto da autora publicado nas *Actas V Congreso Latinoamericano de Traducción e Interpretación do CTBA 2011*.

* Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), atua como docente e pesquisadora no Departamento de Inglês, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: gloria_sampaio@hotmail.com.

referida por vários estudiosos e pesquisadores, dentre os quais podemos destacar Mikkelson (1994) e Moser-Mercer (1991).

Outra característica importante da TrPV é ser ela considerada como uma modalidade tradutória simultânea, visto sua execução ser marcada pelo imediatismo, baixa recursividade e realização em tempo real.

Herbert (1952)², ao discorrer sobre métodos de interpretação, arrola a TrPV como uma das modalidades interpretativas simultâneas, ao lado da interpretação sussurrada e da interpretação telefônica, sendo que esta última corresponderia à interpretação simultânea em cabine dos dias de hoje.³

Ratificando a percepção da TrPV como modalidade simultânea, Pöchhacker (2004, p. 19) comenta:

A special type of simultaneous interpreting is the rendition of a written text 'at sight'. [...] In sight translation, the interpreter's target-text production is simultaneous not with the delivery of the source text but with the interpreter's real-time (visual) reception of the written source text.

Um aspecto relevante da TrPV é que a produção oral do intérprete deve soar tão natural e fluida que passe a impressão de que o intérprete está lendo um texto escrito no idioma que está utilizando (ANGELELLI, 1999).⁴

A esse cenário, devemos acrescentar que existem diferentes modos de realização da TrPV. Jiménez (1999, p. 198) descreve cinco variedades: i) a *TrPV "ao bater do olho"*, quando não é dado ao intérprete tempo para preparo prévio; ii) a *TrPv preparada*, quando é concedido um pequeno espaço de tempo para o intérprete se familiarizar com o texto de partida; iii) a *TrPV consecutiva*, quando o intérprete lê o texto todo e, a seguir, apresenta uma versão oral *sintética* ou *explicativa* do conteúdo do texto de partida; iv) a *TrPV em interpretação*

² "There are three varieties of simultaneous interpretation: (a) Whispering: when the interpreter whispers into the ear of one or two delegates (occasionally three) what is being said by the speaker. (b) Telephonic simultaneous: when the interpreter, who generally listens to the original speech through ear-phones, himself speaks into a microphone. (c) Translation at sight: when the interpreter is given a written text which he has never seen before and, either directly or through a microphone, "reads" it aloud at normal reading-speed in a language other than the one in which it is written". HERBERT, J. **The Interpreter's Handbook – How to Become a Conference Interpreter**, p. 7.

³ Acreditamos que tal denominação decorreria, possivelmente, do fato de o equipamento utilizado pelos intérpretes, à época, assemelhar-se àquele utilizado pelas telefonistas.

⁴ "Sight translation is an oral translation of a written text that should sound as if the interpreter were merely reading a document written in the target language" (ANGELELLI, 1999, p. 27).

consecutiva, quando o palestrante lê em voz alta o texto escrito que será objeto da TrPV e, a seguir, o intérprete procede à reformulação oral na língua de chegada; e v) *a interpretação simultânea com texto*, quando o intérprete, que está realizando interpretação simultânea (normalmente em cabine), tem em mãos o texto escrito que serve de base para o discurso do palestrante.

Esta última variedade, também, conhecida pelos profissionais da área como *interpretação simultânea documentada* ou *recitada*, é considerada a mais dificultosa por uma série de razões, dentre as quais destacamos o input duplo (texto de partida escrito e texto de partida oral) e a possibilidade de discrepâncias entre o conteúdo do texto escrito e o texto oral de fato apresentado pelo palestrante. Tais fatos podem criar enorme desconforto para o intérprete, demandando maior esforço de atenção e de capacidade de processamento, podendo até mesmo impossibilitar a execução da tarefa. A recomendação é que em situações extremas, o intérprete dê precedência ao input oral (GILE, 2009, p. 183).

No que concerne à importância e incidência da TrPV nos contextos interpretativos profissionais, Jiménez (1999)⁵ afirma que a presença constante dessa modalidade interpretativa marca sua relevância como atividade tradutória. Gile (2009)⁶, por sua vez, esclarece que, se comparada à interpretação simultânea e à interpretação consecutiva, a TrPV é menos frequente na interpretação de conferências, embora, segundo informação pessoal recebida, seja muito comum na interpretação de língua de sinais. Pöchhacker (2004)⁷ assevera que, a TrPV é sem dúvida, parte integral da competência tradutória do intérprete.

Pelo viés pedagógico, Viaggio (1992)⁸ e Weber (2008 [1990])⁹ destacam o papel da TrPV como um exercício preparatório eficiente para outras modalidades da interpretação.

Sem dúvida, podemos argumentar que, por exigir do intérprete um esforço cognitivo considerável na consecução de tarefas múltiplas e concomitantes, a TrPV antecipa e propicia

⁵ “La única modalidad pura constante que participa en todos los tipos de traducción oral es la traducción a la vista [...]. La presencia constante de esta variedad de traducción marca su relevancia como actividad traductora” (JIMÉNEZ, 1999, p. 104).

⁶ “Sight translation is less frequent in conference interpreting than simultaneous or consecutive (but is very common in signed-language interpreting – according to a personal communication by Carol Patrie)” (GILE, 2009, p. 178).

⁷ “There is no doubt that sight translation is an integral part of an interpreter’s translational competence” (PÖCHHACKER, 2004, p. 186).

⁸ “Personal experience (...) has led me to believe that sight translation in general is perhaps the most effective and complete prelude to and preparation for attacking simultaneous interpretation” (VIAGGIO, 1992, p. 45).

⁹ “Just as consecutive interpretation is an ideal preparation for simultaneous interpretation, sight translation may be equally useful as a preparation for both types of interpretation” (WEBER, 2008, p. 45/50).

um trabalho de reformulação textual interlingual muito complexo, que partilha muitas de suas demandas cognitivas como aquelas impostas pela interpretação simultânea.

Em seu Modelo dos Esforços, Gile (1995/2009) elenca o *Esforço de Leitura e Análise* (ou seja, a intelecção do texto escrito), o *Esforço de Produção* (isto é, a reformulação do conteúdo na língua de chegada), o *Esforço de Memória* (neste caso, mais minimizado do que nas outras modalidades interpretativas) e o *Esforço de Coordenação* (administração dos demais Esforços, conforme as necessidades específicas de cada momento e situação), como componentes do modelo para a TrPV.

Reiterando essa visão, mas expressando-a de outra maneira, Syysnummi (2003, p. 7) assinala que:

O intérprete tem de ler o texto fonte, compreender o que está lendo, traduzir e produzir a fala no outro idioma, monitorar seu próprio discurso e, como se essas tarefas não fossem suficientemente difíceis em si mesmas, o intérprete tem de realizá-las simultaneamente (tradução nossa).¹⁰

Estudos comparativos inovadores, em situação experimental, desenvolvidos por Jakobsen e Jensen (2008), no CRITT - *Centre for Research and Innovation in Translation and Translation Technology*, da Copenhagen Business School, tendo como ferramenta o rastreamento do movimento do olho e suas fixações durante a realização de quatro tarefas, a saber, leitura simples, leitura preparatória para tradução, leitura com TrPV e leitura durante a digitação de tradução de um texto, sugerem que a TrPV é, comparativamente, uma tarefa com maior demanda cognitiva do que as duas primeiras tarefas levadas a cabo no experimento.¹¹

Agregando aos pontos apresentados, Agrifoglio (2004, p. 99) destaca que a TrPV constitui “[...] uma técnica complexa e singular, cujas demandas cognitivas para o intérprete

¹⁰ “The interpreter has to read the source text, comprehend what he is reading, translate and produce the speech in another language, monitor his own speech, and as if these tasks were not difficult enough by themselves, the interpreter has to do all of them simultaneously”.

¹¹ “Task 3 [Reading while sight translating] required more time, more fixations and was more cognitively demanding than the earlier tasks for two reasons. A sight translation had to be produced of the source text displayed on the screen, and while translators were in the process of articulating the words their eyes were working to coordinate comprehension and translation processes; this involved both reading source text and monitoring what portions of text had been dealt with, and what portions were still waiting to be translated” (JAKOBSEN; JENSEN, 2008, p. 121).

não são, de modo algum, menores do que as da [interpretação] simultânea a consecutiva” (tradução nossa).¹²

Vale, ainda, lembrar que, segundo Weber (2008, p. 50), a realização da TrPV requer a maioria das habilidades exigidas de um intérprete de conferências, com destaque à questão da velocidade de processamento. O referido autor recomenda que, no que tange à formação de futuros profissionais, a TrPV deve ser introduzida logo no início da formação e mantida ao longo de todo o curso.

Tendo em mente que a TrPV é uma parte integral da competência em interpretação, que é uma forma tradutório-interpretativa de caráter híbrido e que é uma tarefa cognitiva complexa, passemos à questão pedagógica e à proposta de uma possível sequência de passos metodológicos para o ensino-aprendizagem dessa forma de expressão tradutório interpretativa interlingual de caráter tão peculiar.

2. A questão pedagógica: passos metodológicos

O objetivo da metodologia aqui sugerida é viabilizar o processo de construção da competência específica em TrPV, ou seja, fazer com que o intérprete em formação, caminhe em direção a um desempenho compatível àquele de um intérprete profissional, no que tange à TrPV.

Nesse sentido, visualizamos um processo que engloba uma *etapa inicial*, correspondente aos primeiros passos; uma *etapa intermediária*, em que ocorre uma prática intensiva; e uma *etapa posterior*, propiciando a consolidação e o refinamento da competência em TrPV.

2.1 Etapa inicial

Na etapa inicial, a pergunta que paira na mente dos alunos é, em geral e segundo vivência da autora em sala de aula, a seguinte: Do que se trata, afinal? O que almejamos?

Para responder de modo concreto a tal interrogação, o professor exporá os alunos a exercícios introdutórios de TrPV, realizados inicialmente de forma intuitiva, ou seja, por

¹² “[...] a complex and unique technique, whose cognitive demands on the interpreter by no means less than those of simultaneous and consecutive [interpreting]”.

exposição à tarefa em si. Sugerimos começar pela direção da língua estrangeira para língua materna e, posteriormente, na direção inversa.

A partir dos desafios, questionamentos, dúvidas e resultados concretos, seguem-se momentos de reflexão e conscientização sobre a TrPV, entremeados por intervenções do professor ou mesmo dos colegas de classe, de forma a trazer à tona os princípios subjacentes a um bom desempenho.

O professor, de maneira gradativa, contínua e bem ponderada, tendo como base os fatos e questões suscitadas pela situação real de exercício, elencará os aspectos mais importantes, com aportes conceituais sempre que for o caso, e oferecerá encaminhamentos para as questões em curso, de modo a responder às questões iniciais.

Nessa etapa, haverá o necessário destaque aos fatores comumente envolvidos no processo, tais como os saberes, conhecimentos e competências exigidas na execução da TrPV. Dentre outros, os elementos linguísticos e extralinguísticos, tais como os complementos cognitivos ligados ao contexto situacional-interativo, à bagagem cultural, conhecimento de mundo e repertório.

Uma estratégia referida por Weber (1990/2008, p. 45) e bastante conhecida pelos profissionais e formadores, e que se deve logo fazer saber ao aluno, é que na TrPV o olho do intérprete está sempre à frente daquilo que ele enuncia, ou seja, seu olhar busca sempre captar a unidade de sentido que ele irá processar na sequência àquela anterior que ele já está enunciando oralmente.

Especial atenção deve ser alocada à questão da *desverbalização* x *transcodificação* (SELESKOVITCH; LEDERER, 1989), ou seja, a reformulação do texto na língua de chegada deve ter como base o *sentido* apreendido e não a tradução mecanicista baseada apenas no significado linguístico do texto de origem.

Nessa mesma linha de pensamento, devem ser enfatizadas as recomendações de Weber (1990/2008, p. 50): “Uma tradução palavra-por-palavra nunca deve ser aceita – o aluno deve analisar o texto o tempo todo. Assegure-se sempre de que os alunos apresentem a tradução como um discurso oral, não como uma tradução escrita” (tradução nossa).¹³

Outro ponto bastante delicado e, muitas vezes, bastante espinhoso é a passagem do discurso escrito ao discurso oral, que exigirá a ativação de estratégias específicas para garantir

¹³ “A word-for-word translation should never be accepted – the student should analyse the text at all times. Always ensure that students give their rendition like a speech, not a written translation”.

a fluidez e inteligibilidade da TrPV. Caberá ao professor, a partir das situações concretas em sala de aula, orientar os futuros profissionais sobre como proceder em cada caso específico.

Ainda nessa etapa inicial, entra a questão da avaliação da qualidade da TrPV. Para tanto, critérios claros e bem fundamentados devem, não apenas ser trazidos aos alunos, mas também ser aplicados aos exercícios em sala de aula, por intermédio de dinâmicas variadas: avaliação pelo professor, pelos pares e autoavaliação

Com base em propostas anteriores (SAMPAIO, 2007, 2009) e com algumas atualizações, sugerimos uma avaliação baseada na qualidade da *compreensão do texto de origem* (omissões, falhas na captação do sentido, atenção a aspectos contextuais e marcadores culturais, elementos discretos do texto, tais como cifras, acrônimos), da *produção* do intérprete (clareza, inteligibilidade, marcas de assertividade ou de hesitação, elementos prosódicos, ritmo, entonação, pronúncia, qualidade da voz, capacidade de se expressar em público), dos aspectos *gramatical e lexical* do texto produzido (estruturas sintáticas, ausência ou incidência de erros, regras de concordância, recursos de vocabulário, colocados e registro, aderência exagerada a cognatos ou presença de falsos cognatos), da *reformulação da mensagem* (relação de equivalência entre o texto de origem e o texto de chegada, qualidade da tradução, precisão, completude da mensagem, desenvoltura e capacidade de solução de problemas, gestão do discurso); e do *desempenho global*.

Uma outra proposta de critérios avaliativos para TrPV, tendo como foco a certificação de intérpretes para o serviço público (DPSI – *Diploma in Public Service Interpreting*) do Reino Unido, é apresentada pelo *Chartered Institute of Linguists* – CIOL.

O modelo (CIOL, 2015, p. 15), disponível *online* em um manual para os candidatos ao exame de certificação, destaca três critérios maiores: *Completude; Exatidão e Adequação; Fluência e Pronúncia*. Para cada um desses critérios avaliativos, é oferecida uma descrição sucinta do desempenho desejável.

É muito importante que no espaço de formação os critérios avaliativos adotados sejam utilizados de maneira consistente durante os exercícios de TrPV. O levantamento dos acertos ou falhas no desempenho dos profissionais em formação deve estar sempre apoiado nos critérios adotados, com ênfase em uma crítica construtiva em ambiente de ensino-aprendizagem. Desse modo, haverá consistência na abordagem pedagógica e os alunos terão elementos objetivos pelos quais se pautar, sentindo-se mais seguros no encaminhamento de soluções e adoção de estratégias eficientes.

Nesta etapa inicial, recomendamos trabalhar, primeiramente, a *TrPV preparada*, isto é, dando aos alunos um pequeno espaço de tempo – algo em torno de 1 a 2 minutos para um texto de uma página – para uma rápida leitura. Em um segundo momento, exercitá-los na *TrPV “ao bater do olho”*, começando com textos de atualidades e de baixa densidade informacional.

2.2 Etapa intermediária

Estando os alunos razoável e suficientemente cientes dos aspectos fundamentais que regem uma realização competente da TrPV, o professor passa para a etapa intermediária, caracterizada por uma prática intensiva, abarcando exposição a uma ampla variedade de textos, tópicos, gêneros e registros, com intensificação gradativa do nível de dificuldade dos textos.

A questão da pesquisa prévia ou posterior em relação aos tópicos abordados, incluindo antecipação de possíveis dificuldades, determinação e ampliação de conhecimentos sobre variados campos semânticos e decorrente expansão lexical, assim como a questão da bidirecionalidade, devem ser amplamente discutidas a cada passo e em cada situação de exercício, de forma a enriquecer a percepção dos alunos sobre os desafios e estratégias para a consecução de uma TrPV bem realizada.

A busca e exploração de textos paralelos sobre os temas trabalhados em sala de aula é um recurso valioso para ampliação de repertório linguístico e conceitual.

Uma sugestão de caráter prático que funciona bem é o uso de textos paralelos nos dois (ou mais) idiomas de trabalho. No caso dos alunos brasileiros, a sugestão seria começar com a TrPV de um texto em língua estrangeira e, a seguir, realizar a TrPV de um texto paralelo na língua portuguesa, momento esse em que os alunos, muito provavelmente, irão se valer do contexto cognitivo, qual seja, a memória recente armazenada do conteúdo e formas de expressão do texto em língua estrangeira, construído na realização da primeira parte do exercício. Esse tipo de abordagem sempre rende bons frutos.

Outra recomendação importante é que as apresentações devem, em princípio, ser com exposição ao olhar do público, no caso os colegas de classe, estando o aluno postado à frente da classe, se possível em local um pouco elevado e bem visível, isso para que o aluno se acostume a falar diante de uma plateia.

Apresentações gravadas podem também compor esse cenário. Nos dois casos, as apresentações devem ser objeto de um processo de avaliação contínua, construída por comentários, correções, sugestões, encaminhamentos. Conforme enfatiza Weber (1990 / 2008,

p. 50): “Sempre grave o desempenho do aluno. O único modo para corrigir idiosincrasias e maus hábitos na expressão oral é ouvir-se em gravação” (tradução nossa).¹⁴

Além das dinâmicas já referidas, é recomendável, dependendo da viabilidade, uma avaliação formal por examinadores externos, se possível, envolvendo a participação de intérpretes profissionais e afiliados a associações de classe.

Evidentemente, os critérios avaliativos, anteriormente apresentados e discutidos, continuarão a ser amplamente utilizados nesta etapa intermediária, assim como na etapa que se segue.

As outras variedades de TrPV, à exceção da simultânea com texto, podem ser trabalhadas nesta etapa intermediária.

2.3 Etapa posterior

Esta última etapa tem como objetivo a consolidação e refinamento do processo de aquisição da competência em TrPV.

Nesse momento, a recomendação é integrar da TrPV com as outras modalidades interpretativas, ou seja, a exploração de uma determinada temática com exercícios bidirecionais de TrPV e interpretação consecutiva e/ou simultânea, conforme o caso.

Sugere-se, também, a introdução de textos de maior complexidade, assim como um forte incentivo a uma prática intensiva extraclasse, seja de forma individual, seja por exercícios em grupos de trabalho.

Nesta etapa é possível introduzir a *interpretação simultânea com texto*, já mencionada anteriormente. Contudo, é aconselhável iniciar essa modalidade somente quando o desempenho dos alunos em interpretação simultânea em cabine esteja bem consolidado.

3. Considerações finais

Tendo em conta os diferentes aspectos da TrPV discutidos e a argumentação desenvolvida neste escrito, assim como ratificando pontos elencados em trabalhos anteriores (SAMPAIO, 2007, 2009, 2011), acreditamos que a metodologia para o ensino-aprendizagem da TrPV deva, idealmente, atender aos seguintes propósitos maiores:

¹⁴ “Always record the student’s performance. The only way to correct idiosyncrasias and poor speaking habits is through listening to one’s own recordings”.

- levar os alunos a uma conscientização crescente a respeito das especificidades e complexidades da TrPV, assim como sobre sua relevância no exercício profissional;
- propiciar condições adequadas para que os alunos pratiquem intensamente a TrPV, identifiquem seus pontos positivos e negativos, percebam quais são suas dificuldades mais recorrentes para que possam, com o apoio e orientações do professor, vencer gradativamente os obstáculos, construir e aprimorar sua competência nessa modalidade de interpretação;
- garantir que a TrPV seja praticada não apenas isoladamente, mas que seja integrada a outras modalidades da interpretação no espaço de formação, uma vez que tal será a realidade com que os alunos se depararão na vida profissional;
- ajudar os alunos a compreender que a aquisição e aprimoramento dessa competência específica constitui um processo contínuo, que exige dedicação e empenho, um investimento para toda a vida.

Espera-se que as considerações aqui apresentadas, sem dúvida alguma restritas a apenas algumas das várias questões que envolvem a TrPV, possam suscitar novas indagações e investigações profícuas sobre essa modalidade interpretativa simultânea instigante, que, por sua singularidade, habita um espaço fronteiro no âmbito das atividades tradutório-interpretativas próprias do intérprete profissional.

Referências

ANGELELLI, C. The Role of Reading in Sight Translation. **The ATA Chronicle**, Alexandria, n. 38, p. 27-30, 1999.

AGRIFOGLIO, M. Sight Translation and Interpreting: A Comparative Analysis of Constraints and Failures. **Interpreting**, Amsterdam / Philadelphia, v. 6, n. 1, p. 43-67, 2004. <https://doi.org/10.1075/intp.6.1.05agr>

CIOL (Chartered Institute of Linguists). **DPSI Handbook for Candidates**. 2015. Disponível em: <http://www.ciol.org.uk/sites/default/files/Handbook-DPSI.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2016.

GILE, D. The effort models of interpreting. In: _____. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009, p. 157-190. <https://doi.org/10.1075/intp.11.1.08gil>

HERBERT, J. **The Interpreter's Handbook** – How to Become a Conference Interpreter. Genève: Librairie de L'Université, Georg & Cie S.A., 1952.

JAKOBSEN, A. L.; JENSEN, K. T.H. Eye movement behaviour across four different types of reading tasks. **Copenhagen Studies in Language**, Copenhagen, v. 36, 2008, p. 103-124.

JIMÉNEZ, A. **La Traducción a la vista**. Un Análisis descriptivo. 1999. 415 f. Tesis (Doctorado en Lingüística i llengües) – Universitat Jaume I, Facultat de Ciències Humanes i Socials. Castellón, Espanha, 2009. Disponível em: <http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/10564/jimenez-tdx.pdf?...1>. Acesso em: 17 set. 2004.

MIKKELSON, H. Text analysis exercises for sight translation. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE AMERICAN TRANSLATORS ASSOCIATION, 34., Metford, 1994. **Proceedings...** Metford: NJL, Learned Information, 1994, p. 381-390.

MOSER-MERCER, B. Sight Translation and Human Information Processing. FORUM ON TRANSLATION STUDIES, 2., Kent, 1991. **Proceedings...** Kent: Institute for Applied Linguistics, 1991, p. 159-166.

PÖCHHACKER, F. **Introducing Interpreting Studies**. London; New York: Routledge, 2004.

SAMPAIO, G. R. L. Mastering Sight Translation Skills. **Tradução & Comunicação**, São Paulo, n. 16, p. 63-69, 2007.

_____. Sight Translation Step by Step. Different Approaches to Interpreter Training. CONFERENCE OF AMERICAN TRANSLATORS ASSOCIATION, 50., New York, 2009, **Proceedings...** New York: ATA's 50th Annual Conference, 2009.

_____. Exploring the Interface: Sight Translation in Translator and Interpreter Training. CONGRESSO LATINOAMERICANO DE TRADUCCIÓN Y INTERPRÉTATION, 5., Buenos Aires, 2011. **Actas...** Buenos Aires: CTBA Editorial, 2011.

SELESKOVITCH, D.; LEDERER, M. The Interpretation Process. In: _____. **A systematic Approach to Teaching Interpretation**. Translated by Jacolyn Harmer. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities, 1989, p. 21-26.

SYYSNUMMI, L. **Cognitive Load during Sight Translation** – an Experimental Study. 2003. 40 f. Master's Degree (Dissertation in Letters) – Translation Studies Program, University of Turku. Turku, Finland, 2003.

VIAGGIO, S. The Praise of Sight Translation (and squeezing the last drop thereof). **The Interpreters' Newsletter**, Trieste, n. 4, p. 45-58, 1992.

WEBER, K. W. The Importance of Sight Translation in an Interpreter Training Program. In: BOWEN, D.; BOWEN, M. (Ed.). Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Company, 2008, p. 44-52. <https://doi.org/10.1075/ata.iv.10web>

Artigo recebido em: 05.01.2017

Artigo aprovado em: 04.06.2017